

DA LOUCURA À CIÊNCIA

As imagens dos Transtornos Mentais e seus personagens na Folha de S.Paulo¹

Carla Costa Garcia²

Resumo

Loucura, insanidade, maluco, pirado. São termos usados para referir-se aos Transtornos Mentais e a seus portadores, 23 milhões de brasileiros que convivem com o estigma gerado por representações sociais construídas a partir da relação entre os transtornos, a fúria e a animalidade e os condenam à exclusão social. Os meios de comunicação são atores no processo de construção dessas representações, por isso, este estudo busca analisar a cobertura midiática sobre os transtornos mentais e seus personagens na Folha de S.Paulo, em 2009. Identificando as imagens veiculadas e se o jornal reafirma ou desconstrói o estigma e as representações existentes.

Palavras-chave: Comunicação. Transtornos Mentais. Representações Sociais. Jornalismo Científico. Teorias da Notícia.

Transtornos Mentais como esquizofrenia, autismo, transtorno bipolar, depressão e transtornos de ansiedade atingem a 23 milhões³ de brasileiros e ainda não foram totalmente desvendados pela ciência. O desconhecido - não familiar - gera o medo e se a sociedade não controla, ela exclui, renega, cria estigmas e representações sociais baseadas em conceitos que ligam os portadores desses distúrbios ao isolamento e à incapacidade de pensar, agir e controlar seus atos e impulsos. Representações que os condenam a viver como excluídos sociais vagando sem destino ou trancafiados em suas casas ou hospitais. “objetos sociais estranhos evocam medo, porque eles ameaçam o sentido de ordem das pessoas e sua sensação de controle sobre o mundo” (JOFFE, 2009, p.298). Desse modo, o senso comum sobre eles se baseia no fato de que “a reação perante uma pessoa que procura

¹ Texto original, como recebido pela coordenação do Interprogramas.

² Universidade Estadual Paulista (UNESP/ Bauru). Programa de Pós-graduação em Comunicação. E-mail: carlac.garcia@uol.com.br.

³ Dados apresentados em junho de 2010 pela Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP).

7º Interprogramas de Mestrado

tratamento psiquiátrico no Brasil ainda é de que ela é louca ou chegou à beira da loucura” (ABP, 2009, p.19).

Ao mediatizar o conhecimento científico, os meios de comunicação popularizam a ciência, o que ocorre quando “o saber popular se mescla e se funde com o saber científico” (GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 2009, p.23). Assim, a mídia difunde o senso comum dos médicos e cientistas acrescido de sua própria visão, os quais carregam estigmas e estereótipos. Entretanto, o maior agravante é o fato de que o estigma dificulta o convívio social e a reduz as chances de cura e de tratamento (ABP, 2009, p.77).

Ainda não há no campo acadêmico um consenso sobre o que sejam as doenças mentais e quais as suas causas; quatro vertentes – uma biológica e três psicológicas – defendem suas visões numa área que está longe de chegar a um paradigma. Enquanto os organicistas reduzem os transtornos a seu caráter biológico, ignorando a influência do psíquico em sua origem ou manifestação; comportamentalistas, freudianos e existencialistas buscam provar que fatores sociais estão diretamente vinculados aos distúrbios mentais. Para a psicanálise, o fator desencadeador “é o inconsciente; para o comportamentalismo é a conduta; e para a fenomenologia existencial é a vivência enquanto manifestação concreta da existência” (ROMERO, 1994, p.14).

No saber popular diversas versões e imagens sobre os Transtornos Mentais foram formadas e vem sendo constituídas pelo menos desde o final da Idade Média, as quais consideram esses distúrbios como sinônimo de loucura. Michael Foucault (1978), ao estudar a história social da loucura, expôs suas principais representações sociais que as ligam à fúria, animalidade, insanidade, irresponsabilidade e incapacidade de seguir e se adaptar às normas e padrões sociais. Denise Jodelet (2005) incluiu nesse senso comum as crenças no caráter contagioso da loucura.

O caminho para derrubar os estigmas é a informação, que se difunde na mídia, a qual é capaz de reafirmar ou desconstruir imaginários sociais. Desse modo, este estudo analisa a cobertura midiática sobre os Transtornos Mentais e de Comportamento e seus personagens realizada em 2009 pelo jornal Folha de S.Paulo a fim de identificar quais imagens são usadas na construção dessas notícias e, se o periódico age no sentido de

reforçar ou desconstruir o estigma e as representações sociais existentes sobre os distúrbios e esse 23 milhões de brasileiros.

Para isso, optou-se por trabalhar com pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo. A pesquisa bibliográfica é utilizada para a realização de revisões de literatura sobre as Representações Sociais, Teorias da Notícia e os Transtornos Mentais e suas Representações. Para a análise das notícias a técnica escolhida foi análise de conteúdo, a qual é definida por Bardin (2009) como a procura por conhecer aquilo que está por trás das palavras e se realiza através das mensagens. O modelo metodológico concentra os enfoques quantitativos e qualitativos. Sendo que o primeiro é usado para coletar informações e quantificar dados e opiniões, e o segundo tem o objetivo de, através da inferência – indução a partir dos fatos (Bardin, 2009) –, aprofundar os dados e identificar: (a) as notícias que temos sobre os Transtornos Mentais e de Comportamento; (b) seus elementos construtores (imagens e versões da realidade nelas inseridas); (c) e inferir se elas reforçam ou desconstruem o estigma e as representações sobre os Transtornos Mentais.

Representações Sociais

A teoria das Representações Sociais nasceu, na década de 1950, a partir de vertente sociológica da Psicologia Social desenvolvida na Europa. A obra *La Psychanalyse: Son image et son public* (1961) de Serge Moscovici é considerada a pedra fundamental desse campo de estudo, que centra seu olhar na relação entre indivíduo e sociedade, e ao fazê-lo “recupera um sujeito que, através de sua atividade e relação com o objeto-mundo, constrói tanto o mundo como a si próprio” (GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 2009, p.9).

Moscovici baseou seu conceito-chave, Representações Sociais, na definição de Representações Coletivas atribuída por Émile Durkheim, para quem, “o termo se refere a categorias de pensamentos através das quais determinada sociedade elabora e expressa sua realidade” (apud MINAYO, 2009, p.90). Desse modo, a representação estabelece-se a partir das relações entre indivíduos e sociedade e “só pode existir no todo” (DURKHEIM, 2009, p.41), devendo conservar a marca da realidade social que a criou. Moscovici adaptou conceito de Durkheim a um contexto social marcado por uma sociedade mais dinâmica e fluida.

7º Interprogramas de Mestrado

Moscovici (2005, p.12-13) afirma que “se existe em uma sociedade uma classificação dos indivíduos, podemos estar certos que de ela se objetiva no tempo, acaba fazendo parte desses indivíduos, e a sua realidade coincidirá com a aparência.” Ou seja, são dinâmicas, mutáveis e têm o poder de influenciar e serem influenciadas pela identidade social dos indivíduos e pela realidade social na qual estão inseridas.

Jodelet (2001, p.22) define representação social como “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada que tem um objetivo prático e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Sendo “uma forma de saber prático ligando um sujeito a um objeto” (Ibidem, p.27), que é “igualmente designada como saber do senso comum ou ainda saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outras coisas, do conhecimento científico” (p.21).

Representar é atribuir imagem a um objeto e essa atribuição é simbólica e significativa, torna-se independente e cria novos conceitos ou percepções que influenciam a realidade social como um todo. Desse modo, instituições, estruturas, cultura, mitos, preconceitos, acontecimentos sociais, etc., atuam como mediadores ao determinar a concepção e o imaginário que uma sociedade construirá - inclusive sobre suas ideologias e poderes dominantes - ou seja, estabelecem a própria realidade social.

A construção das representações sociais é “um processo de classificação e nomeação, um método de estabelecer relações entre categorias e rótulos” (GUARESCHI, 2009, p.201), cujo móvel desencadeante é “transformar algo não familiar, ou a própria não familiaridade, em familiar” (Moscovici apud GUARESCHI, 2009, p.212).

Notícia

Neste estudo adota-se o pressuposto de que notícia é o produto da atividade jornalística. Sendo que:

uma notícia é um artefacto linguístico que representa determinados aspectos da realidade, resulta de um processo de construção onde interagem factores de natureza pessoal, social, ideológica, histórica e do meio físico e tecnológico, é difundida por meios jornalísticos e comporta informação com sentido compreensível num determinado momento histórico e num determinado meio sócio-cultural (SOUSA, 2005, p.3).

7º Interprogramas de Mestrado

A teoria aqui utilizada segue a tendência “unionista” de construção da notícia (*newsmaking*) adotada por Schudson (1988) e ampliada por Sousa (2002, 2005).

Essa teoria afirma que há seis fatores ou forças que interferem na construção das notícias: ação pessoal, social, meio físico, histórica, ideológica e cultural, sendo que este artigo foca-se na última.

Notícia como produto cultural

Embora o ideal da objetividade ainda seja amplamente aceito pelos jornalistas, a subjetividade e a interpretação no processo de construção da notícia não podem ser negadas, pois a notícia é fruto de um sistema sociocultural, no qual estão inseridos além do próprio jornalista, as fontes, o fato noticiado, a organização jornalística e interesses, crenças e a cultura de todos os envolvidos. Desse modo, o jornalista não é alguém neutro, que apenas reporta um fato a partir de normas e procedimentos indicados pelo ritual estratégico profissional, ele se torna participante ativo nessa construção, uma vez que é a partir de sua interpretação do acontecimento – a qual se dá a partir das crenças, mitos, e representações sociais por ele conjugadas -, que um fato torna-se um discurso e se transforma em notícia.

Os jornalistas enquanto elementos de uma cultura particular “estão sujeitos à ‘gramática da cultura’ (Colby, 1975)” (BIRD, DADENNE, 1999, p.271). Regras que determinam quais aspectos da realidade social são úteis para a sobrevivência a fim de que sejam absorvidos (Moretzsohn, 2007) e retratados em narrativas que constituem as notícias (Tuchman, 1999).

As notícias são o produto final de um processo complexo que tem início com a seleção sistemática de acontecimentos (Hall et al, 1999) e versões da realidade socialmente construídas a serem transformados em histórias (Tuchman, 1999; Bird; Dardenne, 1999), relatos de acontecimentos noticiosos. A notícia é a transformação de um fato em discurso, que institui um modelo simbólico dos valores vigentes na sociedade. Modelo que se estabelece através do que Motta (2002) define como a disputa, situada na linguagem jornalística, entre o logos (rituais e ideologia da objetividade) e o mythos (valores, crenças, fantasias e a cultura do jornalista) que se origina no processo de construção do texto.

7º Interprogramas de Mestrado

É por meio da linguagem que um fato torna-se discurso (notícia). O qual não representa apenas o relato de um fato ou a tradução de uma ocorrência em linguagem, mas produz um novo acontecimento, que vem integrar o mundo, criando valores e significações e influenciando sobre e interagindo com a realidade social (Rodrigues, 1999).

Os jornalistas tornam-se ativos quando transformam “uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)” (TRAQUINA, 1999, p.169) e para fazê-lo recontextualizam o fato a partir de enquadramentos (*frames*) compreendidos, aceitos e legitimados pela sociedade a qual se reportam (Tuchman, 1999; Sousa, 2002). Utilizam como base de interpretação e construção discursiva da estória, crenças e representações sociais compartilhadas pela cultura e memória social do público. Para isso, precisam estar inseridos e serem sujeitos dessa gramática da cultura, familiarizados com instituições, estruturas e pensamentos da coletividade para poderem utilizar, até mesmo inconscientemente, um conjunto de regras e conceitos destinados a dar sentido ao mundo e que sejam inteligíveis em determinado contexto social e histórico (Hackett, 1999).

Entre notícias e representações sociais

Tanto as notícias quanto as representações sociais podem ser interpretadas a partir de seu caráter cultural, uma vez que transmitem valores e até mesmo definições sobre o bem e o mal, o certo e o errado, o justo e o injusto, o mocinho e o vilão.

A influência das representações sociais sobre a construção da notícia é pouco explorada pelos comunicólogos. Tuchman (1999) afirma que a presença do senso comum (representações sociais) nas narrativas jornalísticas é usada como ritual estratégico do jornalista para garantir a inteligibilidade e aceitabilidade de seu produto. Sousa (2002, 2005), Hackett (1999), Tuchman (1999), Traquina (1999) e Moretzsohn (2007) revelam que a construção da notícia parte de convenções, normas e padrões sociais, os quais ao lado da cultura predominante determinam os enquadramentos a serem utilizados na interpretação do fato e enquanto se conta a estória. Ou seja, as representações sociais são forças ativas na fabricação de um texto noticioso, o qual pode reiterá-las, recontextualizá-las e até mesmo combatê-las, mas de qualquer forma, elas estarão nele refletidas e serão por ele alteradas.

7º Interprogramas de Mestrado

Tanto a notícia quanto a representação social nascem do contexto social, são fabricadas para integrá-lo e têm o potencial de construí-lo e alterá-lo, pois a “realidade” também é socialmente construída (Berger; Luckman, 2001). E, a partir do momento em que as notícias e as representações circulam e surgem no tecido social, passam a constituir valores simbólicos e se tornam parte da cultura, dos mitos e das crenças que atuam ativamente na formação desse contexto.

Portanto, o jornalismo trabalha no campo das representações sociais. Desde o senso comum profissional que determina os valores-notícia até mesmo aquele que serve de enquadramento para um fato ser reportado. E usá-las é fundamental para a notícia, seja por refletirem a cultura e as convenções sociais, por garantirem a credibilidade e sustentarem o ideal da objetividade, ou até mesmo, por serem familiares ao público, que como audiência significa vendas e anunciantes (lucro). A prática jornalística é entrelaçada pelas representações e mesmo quando noticia uma versão que contrarie o saber e as crenças populares, elas estarão presentes, nem que seja como contraste. Por isso, o jornalismo é uma atividade que tem o poder de reiterar, alterar e negar as representações sociais.

Resultados Parciais: Um breve recorte

Este estudo ainda está andamento, portanto não é possível apresentar os resultados ou as considerações finais. O corpus total é formado por 796 notícias que se referem aos Transtornos Mentais e de Comportamento e seus personagens vinculadas na Folha em 2009. É importante, porém, já ressaltar que nesses textos os distúrbios mentais e seus portadores são veiculados com diferentes conotações e, enquanto alguns abordam os aspectos clínicos dos transtornos (medicamento, busca pela causa, tratamento etc.), outros focam nas ações dos portadores ou ainda utilizam esses distúrbios como metáforas para adjetivar situações cotidianas, políticas, entre outras.

Diante da amplitude do corpus analisado, realizou-se para este artigo um recorte para o qual foram selecionados 83 textos, que se referiam à Esquizofrenia e a seus portadores. A Esquizofrenia é considerada a doença mental com maior carga de preconceito (ABP, 2009) e é classificada como psicose funcional, cujas causas são tanto sociais quanto biológicas (essas ainda não decifradas pela ciência).

7º Interprogramas de Mestrado

Dos 83 textos, 28 abordaram a temática enfatizando o seu sentido de psicose e noticiaram assuntos relacionados ao tratamento, medicações, cura, causas e sintomas; Outros 12 textos falaram a respeito dos portadores da esquizofrenia ou algum aspecto geral como iniciativas pela inclusão social, por exemplo; Quatro notas reproduziram a opinião de leitores acerca do transtorno mental e suas formas de tratamento; Onze textos apresentaram-se como críticas ou matérias nas quais a Esquizofrenia ou seus personagens foram citadas por serem temas de novela, teatro, filme ou livro avaliados pelo jornalista; Os 28 textos restantes usaram os termos esquizofrenia e esquizofrênico(as) como metáforas para situações da vida cotidiana, políticas, econômicas etc. A temática Esquizofrenia foi veiculada em 18 diferentes seções ou editorias da Folha, sendo Ilustrada (32), Saúde (10) e Cotidiano (7) onde mais apareceu.

Em relação às imagens veiculadas notou-se que os textos de opinião do leitor e aqueles que se referiam à psicose por aparecerem em outros tipos de mídia avaliados nas matérias apresentaram um sentido neutro, no qual o transtorno não ganhou destaque e tampouco foi descrito a partir de alguma imagem popular ou científica sobre ele. Já nas outras temáticas foi possível identificar representações sociais e sentidos distintos sobre o distúrbio e seus personagens:

- *Esquizofrenia enquanto psicose (aspecto clínico e pesquisa)*: Nesse bloco temático, as matérias concentraram-se, principalmente, em retratar novas pesquisas (a maioria internacional) que buscam descobrir a causa da doença mental por meio da genética; os melhores tratamentos, a eficácia dos medicamentos para minimizar as crises e até para a cura, além discutir a importância do diagnóstico. Esses textos ressaltam uma visão científica da Esquizofrenia. Entretanto, enfatizam o ponto de vista organicista, que considera a psicose apenas uma doença física, ignorando os aspectos e as interferências sociais na manifestação do distúrbio. Nesse contexto, a Esquizofrenia é vista como uma doença como qualquer outra, por ser o cérebro um órgão do corpo humano e a qual será solucionada por meio da genética, que desvendará suas causas e a partir disso será possível, por meio de medicamentos e tratamentos, chegar a sua cura. Os jornalistas partem do senso comum sobre o sofrimento causado pela doença mental, usam as representações sociais sobre a genética (vista como arma para se chegar à saúde perfeita) e apresentam uma

7º Interprogramas de Mestrado

imagem positiva da Esquizofrenia, inclusive, mostrando ser possível inserir socialmente seus portadores (mesmo que tenham sido ouvidos em apenas 7 textos).

- *Esquizofrenia pelo portador (sentido geral)*: Dos 12 textos enquadrados nesse bloco temático, 9 referem-se diretamente ao portador, sendo que o fazem ressaltando seu caráter negativo. Apenas uma dessas notícias fala sobre a importância da inclusão social. Nos outros 8 textos, a Esquizofrenia é abordada como atenuante de pena (3) e relacionada às drogas (1) ou seu portador como violento (1), dependente (1) e incapaz (2). Desse modo, essas notícias ressaltam o senso comum e aproximam seus portadores da animalidade, fúria, insanidade e incapacidade.

- *Esquizofrenia como Metáfora*: Nesse caso, os termos psicopatológicos – Esquizofrenia e Esquizofrênico(as) – são usados fora de contexto e apresentam sentidos notadamente negativos. São utilizados para adjetivar situações problemáticas, ilógicas, delirantes, insanas e nas quais mundos distintos (o real e o imaginário) fundem-se permitindo distingui-los e os caracterizando como absurdo, irracional e inesperado. Esses sentidos negativos também agem no sentido de reforçar o estigma e as representações sociais seculares que relacionam os transtornos mentais à loucura, irracionalidade, insanidade, etc.

Neste breve recorte foi possível notar um caráter polissêmico da cobertura midiática sobre a Esquizofrenia e seus portadores. Ela, por se tratar de um tema científico (uma psicose), mas também social (transtorno mental influenciado também pelas situações vivenciais do portador) carrega tanto as representações sociais da ciência – em especial, o encantamento e a crença de que a genética será capaz de gerar a saúde perfeita – como o senso comum existente sobre a loucura e toda sua construção negativa na sociedade ocidental ao longo dos séculos.

Por isso, ora o jornal enfoca as visões científicas (mesmo que tenha escolhido apenas uma corrente como correta e posta, por si próprio, um fim às controvérsias científicas), ora destaca o senso comum da loucura. Unindo assim dois “mundos” distintos de saberes e significados, parte da ciência e parte do saber popular, porém o fez ressaltando imagens (seja da maravilha da genética ou do horror da loucura) existentes e

7º Interprogramas de Mestrado

compartilhadas socialmente, sentidos comuns que possibilitam que a notícia seja inteligível ao público.

Portanto, as notícias, como produtos culturais, estão presas a uma representação social, seja para reafirmá-la ou rebatê-la, pois é no campo do senso comum que o jornalismo atua. Elas partem de um conhecimento popular para informar o leitor de algo novo, porém para isso usam os enquadramentos culturais já existentes, os quais são compartilhados pelo público, pelo jornal e pelos jornalistas e torna possível que um texto torne-se inteligível para ambos e possam ser inseridos na realidade social, que o formou, mas que ele também ajudará a construir.

Referências Bibliográficas

ABP, Associação Brasileira de Psiquiatria. **Manual para a imprensa: boas práticas de comunicação e guia com recomendações para um texto claro e esclarecedor sobre doenças mentais e psiquiatria.** Rio de Janeiro: ABP, 2009

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2009. 4ª ed.

BIRD, E.; DARDENNE, R. W. **Mito, registro e “estórias”: explorando as qualidades narrativas das notícias.** In: TRAQUINA, N. (org). **Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias.** Lisboa: Vega, 1999. 2ª ed, pp.263-277

BERGER, L. P.; LUCKMANN, T. **A construção social da Realidade.** Vozes, Petrópolis: 2001. 20ª ed.

DURKHEIM, E. **Representações Individuais e Coletivas.** In: DURKHEIM, E. **Sociologia e Filosofia.** São Paulo: Martin Claret, 2009, pp.11-48

FOUCAULT, M. **História da Loucura na Idade Clássica.** São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 1978.

GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs). **Textos em representações sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 11ª ed.

HACKETT, R. A. **Declínio de um paradigma? A parcialidade e a objectividade nos estudos dos media noticiosos.** In: TRAQUINA, N. (org). **Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias.** Lisboa: Vega, 1999. 2ª ed, pp. 91-100

HALL, S.; CHRITCHER, C.; JEFFERSON, T.; CLARKE, J; ROBERTS, B.. **A produção social das notícias: o mugging nos media.** In: TRAQUINA, N. (org). *Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias.* Lisboa: Vega, 1999. 2ª ed, pp. 224-248

JODELET, D. **Representações Sociais: Um Domínio em Expansão.** In: JODELET, D. (org). *As Representações Sociais.* Rio de Janeiro: Editora Uerj, 2001

_____. **Loucuras e Representações Sociais.** Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

JOFFE, H. **“Eu Não”, “O Meu Grupo Não”:** Representações Sociais Transculturais da AIDS. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs). *Textos em representações sociais.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 11ª ed., pp.297-322

JOVCHELOVITCH, S. **Apresentação à Edição Brasileira.** In: JODELET, D. *Loucuras e Representações Sociais.* Petrópolis: Vozes, 2005

MINAYO, M. C. de S. **O Conceito de Representações Sociais dentro da Sociologia Clássica.** In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs). *Textos em representações sociais.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 11ª ed, pp.89-111

MORETZSOHN, S. **Pensando contra os fatos: Jornalismo e Cotidiano: do senso comum ao senso crítico.** Rio de Janeiro: Revan, 2007

MOSCOVICI, S. **Prefácio.** In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs). *Textos em representações sociais.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 11ª ed., pp.7-16

_____. **Prefácio.** In: JODELET, D. *Loucuras e Representações Sociais.* Petrópolis: Vozes, 2005. pp.11-31

MOTTA, L. G. **Explorações epistemológicas sobre uma antropologia da notícia.** In: *Revista Famecos, PUCRS, Vol 1, No 19 (2002).* Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3187/2453>. Acesso em 6 de abril de 2010.

RODRIGUES, A. D. **O acontecimento.** In: TRAQUINA, N. (org). *Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias.* Lisboa: Vega, 1999. 2ª ed, pp. 27-33

ROMERO, E. **O Inquilino do Imaginário: Formas de alienação e psicopatologia.** São Paulo: Lemos Editorial, 1994

SCHUDSON, M. **Descobrimdo a Notícia: Uma história social dos jornais nos Estados Unidos**. Petrópolis: Vozes, 2010

SOUSA, J. P. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002

_____. **Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia** (2005). Disponível em <<http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf>>. Acesso em 1 de agosto de 2011

TRAQUINA, N. (org). **Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias**. Lisboa: Vega, 1999. 2ª ed.

TUCHMAN, G. **A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas**. In: TRAQUINA, N. (org). **Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias**. Lisboa: Vega, 1999. 2ª ed, pp. 74-90